

## MEDIAÇÃO DO PÚBLICO INFANTIL EM MUSEUS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO *ON-LINE*

MEDIATING CHILDREN IN MUSEUMS: AN ONLINE TRAINING EXPERIENCE

Monique Gewerc<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-3789-2685>

### Resumo:

O artigo busca compreender o papel que pode desempenhar uma formação continuada na recepção do público infantil, considerado como desafiador, em instituições culturais/museus de diferentes tipologias. O curso de extensão “Mediação de público infantil em museus”, oferecido pela PUC-Rio, se dá de maneira remota, *on-line*, com dois encontros síncronos. Destinado a educadores que atuam ou pretendem atuar em museus recebendo o público infantil, tem tido também a participação de professores/as da Educação Infantil, interessados/as em partilhar impressões e proposições para a visita das crianças aos museus e centros culturais. A metodologia privilegia a discussão e a troca de experiências em um fórum que procura possibilitar a construção conjunta de conhecimentos. O debate no fórum parte de leituras teóricas, instigações estéticas, além de materiais educativos produzidos por instituições culturais nacionais e internacionais. Destacam-se as interações entre os/as participantes com o compartilhamento de vivências e práticas realizadas, tanto em salas de aula quanto em exposições e instituições museais. O presente artigo analisa as trocas realizadas pelos/as participantes do curso, suas indagações, reflexões e compartilhamento de experiências em uma interlocução com autores/as da área da educação museal. Nesse sentido, o material parece indicar que uma formação com foco na compreensão das especificidades da infância e na troca de conhecimentos e experiências com esse público pode contribuir para que a recepção do público infantil em museus se dê de maneira respeitosa e significativa para as crianças e os adultos que as acompanham.

**Palavras-chave:** Público Infantil em museu; Mediação; Formação continuada de mediadores/educadores museais.

### Abstract:

The article seeks to understand the role that ongoing training can play in welcoming children into cultural institutions/museums of different types, considered to be a challenging task. Offered by the PUC-Rio Extension Coordination, the 40-hour extension course "Mediating children in museums" takes place remotely, with two synchronous online meetings. The course is aimed at

<sup>1</sup> Doutora em Educação em cotutela entre a PUC-Rio e Université de Nice (2018-2022). Mestre em Educação (PPGE PUC-Rio/2017), especialista em Educação Infantil (PUC-Rio/2014). Psicopedagoga clínica e institucional (Centro de Estudos Psicopedagógicos do Rio de Janeiro (CEPERJ/2001). Graduada em Pedagogia (UFRJ/1985).

educators who work or intend to work in museums with children. There has also been regular participation by kindergarten teachers interested in sharing their impressions and proposals for their students' visits to museums and cultural centers. The methodology encourages discussion and the exchange of experiences in a forum that seeks to enable the joint construction of knowledge. The debate in the forum is based on theoretical readings, aesthetic stimuli and educational materials produced by national and international cultural institutions. A highlight is the interactions between participants, as they share experiences and practices taking place both in classrooms and in exhibitions and museum institutions. This article analyzes the exchanges made by the course participants, their questions, reflections and sharing of experiences in dialogue with authors from the field of museum education. In this sense, the material seems to indicate that training with a focus on understanding the specificities of childhood, including the exchange of knowledge and experiences with this young public, can contribute to welcoming children in museums in a respectful and meaningful way for them and for the adults accompanying them.

**Keywords:** Children in museums; Mediation; Continuous training for museum mediators/educators.

## INTRODUÇÃO

Em 2019, o Grupo de estudo e Pesquisa em Educação, Museus, Cultura e Infância (GEPEMCI) da PUC-Rio realizou uma pesquisa entre os museus da cidade do Rio de Janeiro para conhecer as ações educativas voltadas para as crianças de 0 a 6 anos. Os dados produzidos pelo questionário reforçaram o que distintas pesquisas anteriores (Carvalho, 2005; Gabre, 2016; Lopes, 2019; Gewerc, 2022) haviam observado: o público infantil é o mais desafiador para os educadores/as/mediadores/as e, ao mesmo tempo, o público escolar é o mais numeroso. Os/As profissionais não se consideram preparados/as e com repertório suficiente para desenvolverem uma visita em que docentes, crianças e eles/as mesmos/as se sintam satisfeitos/as.

Dentre os desdobramentos da pesquisa institucional, como inúmeros artigos, teses e dissertações que o grupo produziu, um grupo de três pesquisadoras decidiu, a partir da constatação mencionada, criar um curso de extensão a distância sobre a mediação do público infantil em museus com o intuito de oferecer subsídios para complementar a formação desse/a profissional que recebe diferentes públicos, especificamente o infantil. O curso contava inicialmente com 30 horas, mas rapidamente se percebeu uma demanda de aprofundamento, tendo a formação sido ampliada para 40 horas. A primeira turma oferecida ocorreu em 2021.2 e, desde então, três turmas foram concluídas.

Este artigo, escrito por uma das docentes do curso, tem o objetivo de compreender o papel que pode desempenhar uma formação continuada voltada para profissionais e pessoas interessadas na recepção de um público infantil em espaços culturais e museus de diferentes tipologias. O texto parte da fundamentação empírica que evidenciou a necessidade de oferecer ações formativas para esse público específico. Em seguida, apresentamos o curso do ponto de vista de sua construção teórica e sua organização.

Para estabelecer um diálogo entre as contribuições dos/as participantes<sup>2</sup> e os campos da educação e da educação museal no que é específico ao público infantil, optamos por analisar quatro categorias, que se referem concomitantemente a quatro encontros do curso: (i) relação das/os participantes com as instâncias culturais durante a própria infância; (ii) conceito de mediação; (iii) desafios e possibilidades na recepção do público infantil; (iv) conclusões e avaliações das/os participantes. Concluímos com alguns apontamentos e evidências que a experiência do curso tem aportado.

## A MEDIAÇÃO DO PÚBLICO INFANTIL EM MUSEUS

Este tópico traz alguns dos conceitos basilares que sustentam o arcabouço do curso de extensão aqui apresentado. É importante destacar que as pesquisadoras docentes fazem parte de redes de educação em museus (REM-RJ, REM-BR, Museu de Ideias) ou estão constantemente se atualizando, uma vez que o campo da educação museal está em franca construção e é bastante dinâmico. Por terem formação no campo da Educação, a fundamentação teórica do curso se nutre dos distintos campos que se complementam e dialogam.

O público infantil vem mobilizando os setores educativos de instituições de distintas tipologias, na busca de uma recepção acolhedora e uma mediação que traga sentido para a visita, seja escolar, seja acompanhada pela família. No intuito de alcançar tal objetivo, é necessário refletir sobre quem é a criança que chega ao museu. Qual a concepção de infância que norteia as ações educativas empreendidas? Para abordar o tema, partimos de distintos autores e autoras do campo da educação (Pinto; Sarmiento, 1999; Kramer, 2005; Corsino, 2005; Kramer; Mota, 2010; Barbosa, 2014).

O verbete “criança”, formulado por Kramer e Mota (2010, s. p.), define criança como uma “pessoa de pouca idade, que produz cultura, é nela produzida, brinca, aprende, sente, cria, cresce e se modifica, ao longo do processo histórico que constitui a vida humana”. Baseando-se em Vigotski, as autoras destacam ainda que,

quando interagem, as crianças aprendem, formam-se, criam e transformam; são sujeitos ativos que participam e intervêm na realidade; suas ações são maneiras de reelaborar e recriar o mundo. Aos adultos cabe a importante função de mediação (Kramer; Mota, 2010, s.p.).

A mediação do público infantil adquire, então, contornos próprios. Ao considerarmos como traços específicos da infância a imaginação e a brincadeira (como experiência de cultura) e a criança como sujeito cultural que tem e produz história, a mediação desse público em museus requer contemplar suas especificidades. “Neste sentido, busca-se que a criança protagonize a visita, que se aproprie do espaço do museu, interaja com mediadores, com as exposições e seja percebida aqui como sujeito de suas descobertas (Mendes Henze; Valente, 2017, p. 73).

---

<sup>2</sup> Os nomes dos/as participantes são fictícios e as falas são retiradas das postagens nos fóruns de discussão e da avaliação final.

Entretanto, são observadas duas tendências comuns na mediação com o público infantil em museus que deveriam ser evitadas, por não estarem em consonância com a concepção de infância contemporânea: a adaptação de atividades propostas ao público adulto e a escolarização do conteúdo do museu (Mendes Henze; Valente, 2017).

Pensar a mediação para um público específico (o infantil) requer igualmente examinar o que tem se entendido por mediação. Desvalées e Mairesse (2013) incluíram o termo mediação na lista de conceitos-chave da museologia. Para os autores, a mediação

desempenha um papel fundamental no projeto de compreensão de si em cada visitante – compreensão que o museu facilita. Com efeito, pela mediação dá-se o encontro com as obras produzidas por outros humanos, o que permite que se atinja uma subjetividade tal que promova autoconhecimento e a compreensão da própria aventura humana que cada um vive (Desvalées; Mairesse, 2013, p. 54).

A mediação é um termo que define uma situação complexa, um “estar entre”, que pode ser entre o sujeito e a obra, o sujeito e o espaço físico do museu, sujeitos visitantes entre si ou sujeitos visitantes e educadores/as museais. Bonato, Seibel e Mendes (2007) afirmam que as ações mediadas em museus de ciências têm Vigotski e seus estudos como referência. Nesse sentido, as ações implementadas consideram os desafios propostos em situações de interatividade - tanto com a exposição quanto com os/as mediadores/as - como ferramentas de desenvolvimento da cognição e de compreensão das “relações entre as ações humanas e ambientes socioculturais” (Bonato; Seibel; Mendes, 2007, p. 48).

O conceito de mediação presente na Política Nacional de Educação Museal (PNEM, 2018) se inspira, entre outras fontes, no conceito de alfabetização de Paulo Freire. Mais do que ler a palavra, trata-se de aprender a ler o mundo de maneira crítica e ativa. Marques e Marandino (2018, p. 4) se baseiam em Freire para afirmar que “conhecer implica estabelecer relações entre texto e contexto, palavra e mundo, processo dialógico no qual a curiosidade ingênua vai sendo superada rumo à curiosidade epistemológica”.

Martins (2018) define o verbete “mediação” no caderno da PNEM como um conceito provisório, em processo, uma vez que define um conceito, uma função ou uma ação. Com a perspectiva mais voltada para os museus de artes, a autora salienta que não basta o acesso do público às obras, mas que se transforme a visita em uma experiência estética: “Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico” (Martins, 2018, p. 85).

Assim, como pensar a mediação do público infantil em museus a partir dessa compreensão sobre o conceito de mediação?

## DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO DO PÚBLICO INFANTIL EM MUSEUS

Distintas pesquisas têm se debruçado sobre a presença das crianças em museus, com seus desafios e benefícios (Carvalho, 2005; Gabre, 2016; Santos, 2017; Marques; Marandino, 2018; Lopes, 2019). O interesse pelo tema se consolidou a partir das dificuldades e tensões percebidas durante as visitas escolares, fonte majoritária do público infantil em museus. Para além da dificuldade em compreender a imaginação, a brincadeira e a criatividade como vetores na ação educativa, Lopes (2019) destaca o conflito decorrente do comportamento social próprio à infância. As crianças são cinéticas e

a expectativa é a da não ação – prestar atenção, escutar os mediadores, aguardar o momento correto para falar, permanecer com os braços para trás ou de mãos dadas com outra criança. Esse comportamento desejado contraria os modos da criança apreender e se apropriar da cultura, de imaginar e de estabelecer conexões (Lopes, 2019, p. 148).

Em relação às visitas escolares, as tensões estão presentes tanto da parte dos/as profissionais dos museus que recebem as crianças quanto dos/as professores/as que as acompanham. Distintas expectativas e culpabilizações são identificadas nas pesquisas de Cruz (2008), Carvalho (2013, 2016), Aracri (2013), Bibian (2018), Lopes (2019), Gewerc (2022), entre outras. Por um lado, professores/as são percebidos/as como desconectados/as da visita ou de terem uma perspectiva demasiadamente escolarizada. Por outro, educadores/as museais são censurados/as pelos/as docentes por utilizarem um vocabulário inadequado ou adotarem uma postura verticalizada, dando pouco espaço para a participação das crianças.

Naturalmente não podemos generalizar os dados acima, uma vez que outras pesquisas têm demonstrado quanto uma aproximação entre museus e escolas pode transformar as experiências das crianças em momentos significativos e ricos para seu desenvolvimento rumo à liberdade e autonomia de pensamento. A pesquisadora e educadora museal do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, Simone Bibian (2018), ouviu de professores que, como não eram entendidos em arte, entregavam a mediação da visita ao sujeito "entendido". A autora denunciava uma postura passiva dos docentes durante as visitas escolares.

Entretanto, em sua pesquisa de doutorado (Bibian, 2022), a autora apresenta uma realidade distinta em que professoras e educadora museal tecem juntas propostas para aproximarem os saberes de ambos os campos. A pesquisadora apresenta uma “Lista de 10 lições que as professoras ensinam aos museus” (Bibian, 2022, p. 219) que, entre outras sugestões, sugere a inclusão da brincadeira, do corpo, da criação e da expressão por meio de diferentes linguagens pelas crianças.

Ao levar em conta a concepção de infância mencionada anteriormente, é possível apontar caminhos para a mediação do público infantil em museus em que a organização do espaço, a autonomia e a liberdade nas formas de interação com o acervo favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Citando ainda a educadora, Bibian (2018) observou que, ao correrem, deitarem no chão para olhar o teto, brincarem, ou seja, ao interagirem com o espaço, “a criança está interagindo consigo mesma, entendendo seu corpo e seus movimentos, reconhecendo seus limites e capacidades. Como não implicar o corpo nas relações com o mundo?” (Bibian, 2018, p. 131). A recepção de bebês, um público ainda menos contemplado nos museus e que causa ainda maior estranhamento, pode ser viabilizada por distintos dispositivos que incluem todos os sentidos. A pesquisa de Santos (2017) identifica, em alguns museus de artes, iniciativas voltadas para esse público destacando que o jogo simbólico e a criação de narrativas, o uso de diferentes linguagens, como a música e a dramatização, são “formas sofisticadas de interagir com o acervo e provocar trocas sensíveis entre os participantes” (Santos, 2017, p. 163).

No entanto, a pesquisadora e educadora faz um alerta:

O entendimento da importância da utilização de diversas formas de expressão na mediação não significa, porém, corroborar com uma possível substituição do encontro direto com o acervo. Conceber propostas que não estão perpassadas pelos conceitos presentes nos artefatos é passível de um esvaziamento das potencialidades do espaço museal (Santos, 2017, p. 163).

Podemos perceber que a recepção do público infantil em museus é considerada desafiadora por razões distintas. Para além dos conhecimentos inerentes ao campo da educação museal, trata-se de um equilíbrio delicado no uso de diversas linguagens que demanda um conhecimento fundamentado sobre as teorias da infância, além do desenvolvimento de uma postura de escuta sensível.

Nessa perspectiva, o curso de extensão “Mediação e público infantil em museus” foi organizado, buscando oferecer subsídios aos interessados em receber ou levar crianças em museus, de acordo com o descrito a seguir.

## O CURSO “MEDIAÇÃO E PÚBLICO INFANTIL EM MUSEUS”

A partir do exposto no tópico anterior e dos desafios descritos, três pesquisadoras do Grupo de Estudo e Pesquisa em educação, museu, cultura e infância (GEPEMCI), sob a coordenação de Cristina Carvalho, doutora em Educação e professora da PUC-Rio, tomaram a iniciativa de criar um curso de extensão. O intuito era que o curso pudesse contribuir para que os profissionais que atuavam ou desejavam atuar em museus com o público infantil se sentissem mais confiantes e com mais recursos.

Isabel Aparecida Mendes Henze é graduada em Pedagogia, mestra em Educação Profissional em Saúde (Fiocruz) e doutora em Educação (PUC-Rio). Sua pesquisa se concentra nos setores educativos e nas ações educativas voltadas para o público infantil em museus de ciências. Maria Emília Tagliari Santos é educadora museal, formada em cinema e é mestra em Educação com pesquisa sobre as ações de museus de artes voltadas para bebês. Monique Gewerc é pedagoga, mestra e doutora em Educação. Sua pesquisa se concentra na formação cultural de professores e nos museus de artes como espaço de formação de professores de educação infantil.



Partindo das pesquisas individuais em diálogo com a pesquisa institucional à época, foi pensada uma ementa que buscasse contemplar o que foram considerados os elementos fundamentais para o atendimento ao público infantil, tanto acompanhado pelas famílias como nas visitas escolares.

Nesse sentido, o curso foi dividido em três módulos: (I) Educação em museu: um campo em construção (4 aulas); (II) O desenvolvimento infantil e suas especificidades para a mediação (4 aulas) e (III) O público infantil nos museus (5 aulas). O curso é assíncrono e a cada semana são liberados, no ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* da PUC-Rio, distintos materiais, como textos, vídeos e um fórum de discussão e troca de experiências entre os/as participantes. São realizados dois encontros pela plataforma Zoom, um no início e outro no encerramento do curso, por meio da qual, além de se conhecerem, os/as participantes podem trabalhar juntos/as e trocar experiências de maneira síncrona.

O primeiro módulo trata da educação museal como um campo em construção e traz as produções mais atuais a respeito do que vem sendo produzido no Brasil sobre o tema. No intuito de incluir a subjetividade dos/as participantes, o curso inicia sempre com uma provocação, uma incitação a visitar sua relação com os espaços museais na própria infância e as recordações e marcas que essa relação deixou. O conceito de mediação também é discutido.

O segundo módulo refere-se às culturas da infância, à formação do pensamento científico, à formação do conceito de tempo e estética e linguagens artísticas na infância. As aulas do segundo módulo têm por objetivo compreender a criança como sujeito cultural e as especificidades do desenvolvimento do pensamento histórico (temporalidade), científico e estético, contemplando conhecimentos essenciais para se trabalhar com as crianças no contexto das principais tipologias dos museus. As aulas contribuem para que os adultos compreendam a potencialidade das crianças e possam adequar sua linguagem e suas expectativas.

O terceiro módulo, que versa sobre os desafios e as possibilidades na recepção do público infantil em museus e centros culturais, traz a parceria do/a professor/a e da escola como possibilidade de transformação da experiência da visita escolar e oferece exemplos de experiências bem-sucedidas com o público infantil em museus de diferentes tipologias. Os fóruns são repletos de trocas de experiências (boas ou nem tanto) dos/as participantes e de como enfrentam os desafios com o público infantil em seu cotidiano. A parceria com os/as professores/as, incluindo o museu como espaço de formação continuada, é colocada em destaque. O curso termina com uma tarefa que sintetiza as aprendizagens e culmina com a produção de uma prática a ser compartilhada com o grupo.

Por meio de leituras teóricas, materiais diversos e proposições práticas, o curso vai sendo construído coletivamente, entretecendo o material publicado semanalmente e as contribuições trazidas pelos/as participantes. Por essa razão, não há nenhuma edição do curso igual à outra, o que se torna fascinante para as docentes, que também são aprendentes.

Nos fóruns semanais, os/as participantes não só trazem suas reflexões sobre os materiais postados e compartilham suas experiências em uma interlocução com os pares, como também expressam suas impressões sobre o curso e os resultados que vão obtendo. Nessa troca, fomos

compreendendo o perfil dos/as participantes, suas expectativas e demandas. Também é a partir dessas postagens que observamos quanto o curso tem contribuído para a prática dos/as participantes, o que tem alimentado a motivação de continuar oferecendo novas turmas desde o ano de 2021.2.

A pesquisa de Mendes Henze (2021, p. 105) constatou que “é cada vez maior a diversidade de áreas profissionais interagindo nos setores educativos” e muitos/as desses/as profissionais têm a docência como parte de sua trajetória. A pesquisadora afirma igualmente que “esse profissional que atua nos museus não pertence a uma categoria profissional reconhecida e a questão da profissionalização está em pauta, esbarrando em diversos entraves” (ibidem p. 111), o que enseja distintos percursos de formação.

É possível que esse fenômeno se reflita na variedade de áreas de conhecimento dos/as participantes do curso: Pedagogia, Biologia, Artes Plásticas, Direito, Letras, Museologia, História, Comunicação Social, entre outros.

A seguir, o artigo se debruça sobre quatro categorias que consideramos fundantes na formação de um/a educador/a que recebe (ou leva) o público infantil ao museu.

## O QUE DIZEM OS/AS PARTICIPANTES DO CURSO

Este tópico apresenta algumas das contribuições e interlocuções das/os participantes nos fóruns. Como mencionado anteriormente, quatro temas foram selecionados: a relação com espaços de cultura na própria infância, o conceito de mediação, concepção de infância e os desafios e as possibilidades na recepção do público infantil em museus e algumas conclusões. Entendemos, que, embora o curso inclua outros aspectos referentes à recepção do público infantil em museus, esta é a espinha dorsal do percurso didático proposto.

### RELAÇÃO COM ESPAÇOS CULTURAIS NA PRÓPRIA INFÂNCIA

Pensar a relação com as instâncias culturais durante a própria infância provoca o sujeito a refletir e, eventualmente, a ressignificar seu conceito de cultura. Nesse sentido, o encontro em que instigamos os/as participantes a revisitarem sua relação com a cultura traz múltiplas experiências e distintas abordagens sobre a temática. Alguns aspectos, entretanto, ficam evidentes. Por exemplo, o papel da família e da escola como determinantes na aproximação e apropriação dos espaços de culturas:

Enquanto criança, o meu contato com os museus se resumiu a alguns poucos passeios escolares, pois não fazia parte da rotina/interesses dos meus pais visitas a espaços culturais (Patrícia).

Quando pequena, minha mãe sempre fez questão de me levar a lugares culturais, então, logo cedo fui apresentada da ópera aos museus (Rosa).

Minha lembrança com museus na infância são os passeios escolares que a escola nos proporcionava (Mariane).



Tive uma infância culturalmente rica, sim, sendo meu pai um jornalista, apreciador de música e literatura (Carmen).

Em alguns depoimentos, é possível perceber uma concepção de cultura associada a espaços culturais considerados como próprios de uma classe social e economicamente favorecida. Esse senso comum de cultura está associado a um ideário iluminista do século XVIII cuja perspectiva de civilização introduziu uma cisão entre os que têm ou não uma cultura, então considerada universal. Essa noção de cultura se tornou sinônimo de sofisticação, instrução e ainda hoje influencia os entendimentos e os discursos, embora, felizmente, essa compreensão venha se transformando (Gewerc, 2022).

Não há como separar essa concepção de cultura da visão que as pessoas ainda têm dos museus. Considerados como guardiães de uma cultura dos vencedores, um espaço reservado a uma elite social e econômica, muitas vezes com uma arquitetura que remete a esse ideário, muitas pessoas ainda não se apropriaram do direito de frequentar museus e de se sentirem pertencentes a esse espaço.

Outro aspecto observado é a dificuldade que as distâncias geográficas e de deslocamento causam na aquisição do hábito de frequentar museus.

Moro na zona oeste do Rio, bem distante de onde ficam concentrados os museus da cidade e, com isso, na infância, não tinha acesso (Simone).

Não me lembro de ter visitado museus e outros espaços culturais na infância. Meus pais não tinham esse hábito e nós morávamos longe dos equipamentos culturais. Comecei a me interessar por eles no curso de licenciatura (Fábia).

Quando criança, nunca frequentei museus. Vivi a primeira infância na roça, numa cidade pequena (Sonia).

Efetivamente, a distribuição geográfica de equipamentos culturais no Brasil é bastante desigual e está concentrada nos centros urbanos. Muitos municípios não contam com salas de cinema, teatros ou museus.

É importante destacar que estudos têm evidenciado que, mais do que a classe econômica, é o fator escolaridade que tem preponderância sobre os hábitos culturais de um indivíduo (Gatti; Barreto, 2009; Souza, 2013; Gewerc, 2022).

## A MEDIAÇÃO COMO CERNE DA EDUCAÇÃO MUSEAL

Segundo Soares (2015, p. 39), a mediação assume o cerne da educação museal "enquanto possibilidades de leituras de mundo, apropriação, ressignificação e produção de uma cultura viva". Conforme mencionado anteriormente, a concepção freiriana de leitura e construção coletiva de conhecimento inspira a concepção de mediação manifesta na PNEM.

As falas das participantes do curso apresentadas na sequência denotam descobertas, ampliações e construções acerca do tema.

Eu gosto muito de fazer visitas mediadas em museus, sempre que é possível. Acho que amplia meu olhar. Mas não lembro de nenhuma que tenha de fato sido um convite ao diálogo, que tenha sido aberta o suficiente de modo que o mediador também estivesse disposto a escutar. As visitas mediadas que fiz foram ou muito informativas, ou um misto de informação e partilha da visão do mediador sobre as obras. Foi sempre muita fala e pouco convite à fala. Diante dos materiais partilhados, o que fica de mais objetivo para mim é que mediação é sempre relação, é o espaço entre: o mediador, as obras, o espaço, o público. Que pode ser planejada, mas que necessariamente esse planejamento contempla o inacabado - dado que pressupõe um diálogo (Lilian).

No caderno da PNEM e nos demais materiais, pude observar e pensar que a mediação tem, como intuito, a partir do diálogo, de ampliar, construir e reconstruir entendimentos, conceitos e experiências para todos os envolvidos no processo da visita. Assim, mediar a relação do público com as exposições é um processo não somente de fala, mas principalmente de escuta (Fernanda).

Não tinha pensado antes em como a mediação pode possibilitar a (re)construção de conhecimentos, a troca, a ampliação do olhar (o olhar e vê, o transver), a afetividade (em seu duplo sentido). Portanto, se fosse para escolher uma palavra para definir, em um primeiro momento, a mediação, para mim, seria a significação (Alícia).

Segundo Mendes Henze (2021), a mediação se configura em um processo de comunicação entre o museu e o público com o intuito de transformar o/a visitante de espectador/a em produtor/a da própria cultura. A pesquisadora destaca que as propostas de mediação precisam provocar a criação de sentidos e, por conseguinte, a experiência no museu precisa estar acompanhada por sentimentos e emoções para além da dimensão cognitiva. A fala de Melissa expressa essa dimensão afetiva.

O mediador amplia o espaço da visita transformando-a em experiência estética. Os nossos registros passam pelos afetos e esta perspectiva abre a discussão e destaca o papel do mediador dando a ele um lugar que ultrapassa a reprodução dos conceitos (como muitas vezes é percebido) e convida para um espaço de troca e experimentação. Com isso, a relação público-mediador se enriquece (Melissa).

## DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA RECEPÇÃO DO PÚBLICO INFANTIL

O tema central do curso trata dos desafios e possibilidades na recepção do público infantil em museus e espaços culturais. Partimos do princípio de que a compreensão de que museu é lugar de criança está relacionada, entre outros aspectos, à concepção de infância que tem o adulto que acompanha a criança ao museu. Nesse sentido, o tema faz parte do percurso didático, tendo as participantes evidenciado seu entendimento nos trechos abaixo:

Com relação a que aspectos devem ser considerados, ao se planejar uma visita mediada com crianças a um museu, penso que o primeiro passo é preparar o mediador para que esteja ciente do conceito de criança na atualidade, ou seja, um cidadão sociável capaz de construir conhecimento, portador de uma cultura própria, possuidor de direitos que precisam ser respeitados. Um ser que existe para além do seio familiar e capaz de se relacionar ativamente dentro da sociedade em que vive (Luciana).

Um dos aspectos fundamentais para serem levados em consideração ao planejar uma visita mediada com crianças seria primeiramente o de considerar o visitante como participante do processo de construção do conhecimento. Isso se aplica ao público adulto, mas também às crianças. É preciso compreender que a infância não pode ser generalizada e que ela é plural e fruto de seu tempo e espaço, em constantes mutações (Lívia).

Os depoimentos acima demonstram uma convergência com a concepção de infância adotada no corpus teórico do curso. Compreender que a criança tem um modo próprio de interagir com o espaço e o acervo, uma maneira de comunicar que inclui o corpo todo e não apenas a fala e que a forma como se dá o acolhimento pode ser relevante para estabelecer uma relação com espaços culturais são aspectos que precisam ser considerados pelo/a educador/a museal. Marques e Marandino (2018, p. 15) reforçam que, para receber o público infantil no museu, é preciso contemplar a fantasia, o desafio e estimular a curiosidade, valorizando “a brincadeira, as formas de expressão infantis, as múltiplas linguagens, a interação, a participação, a possibilidade de escolha”.

Um dos desafios na recepção do público infantil é enunciado por uma das participantes em um fórum:

O primeiro desafio que se coloca à recepção das crianças nos museus é o fato de que não são as crianças que escolhem lá ir: essa decisão é tomada pelos adultos, professores ou pais. O primeiro (desafio) é elaborar as propostas de mediação de forma aberta, dialógica e considerando os eixos definidos por Sarmiento (2004) para melhor compreender as crianças: ludicidade, interatividade, fantasia do real e reiteração. As atividades de mediação para crianças acontecem normalmente em visitas escolares ou, então, aos fins de semana em grupos (nos quais deve-se fazer uma inscrição prévia). Como mãe, fiquei pensando: como as crianças podem ser “recebidas” nos museus quando vão com seus responsáveis, fora dos horários das visitas mediadas? Como pode o serviço educativo receber indiretamente o público infantil, apoiando os adultos que levam as crianças aos museus a fazerem uma visita interessante? Que materiais, que propostas? (Lílian).

Uma pesquisa realizada por Cohen-Azria e Dias-Chiaruttini (2019) buscou compreender como se dão as visitas das crianças nos museus em contextos de visitas familiares e escolares. De fato, são abordagens distintas, com diferentes objetivos e possibilidades. As pesquisadoras sinalizam que a visita escolar tem hora para chegar e partir e a visita familiar não. O percurso na visita escolar é pré-definido e, na visita familiar, não apenas não há um roteiro, como a mesma obra pode ser revisitada mais de uma vez e geralmente são as crianças que escolhem o roteiro e o tempo que ficam observando uma obra.

Na visita escolar, o educador formula várias perguntas e espera respostas precisas. Também há uma temporalidade do conteúdo prevista e, se a criança faz uma pergunta antes da hora, o educador pode pedir que espere para voltar ao assunto mais tarde, tal como na escola. Nas visitas familiares, não há muitas perguntas, mas também não é dada à criança a oportunidade de interpretar. Não há necessidade de se chegar a nenhuma conclusão. Nesse sentido, os questionamentos de Lílian são pertinentes para pensar como provocar os sentidos das crianças e

envolver pais e filhos em uma visita sem a necessária presença de um educador museal. Que suportes poderiam ser oferecidos?

Pensar na recepção do público infantil que chega com familiares é pensar também em democratização de acesso. Nesse sentido, as falas abaixo podem deixar pistas.

[...] a realidade brasileira, que não tem ainda hoje uma cultura de visitar museus entre os adultos, reforçando que o acesso aos instrumentos de cultura no nosso país ainda não está democratizado. Sendo assim, embora eu compreenda as especificidades e riqueza de experiência da visita feita com a escola, seria viável e interessante que as escolas organizassem algumas visitas pensando na participação também dos pais e responsáveis? (Lívia)

Acho que um dos maiores desafios do mediador, enquanto provedor de um elo entre o espaço e a comunidade, é fomentar o sentimento de pertencimento. O elitismo e a hierarquia, ainda existente nos museus (principalmente os de arte contemporânea), afastam (e assustam) o público. Promover atividades sensoriais e momentos de reflexão/construção/discussão já é um grande avanço. Um dos primeiros passos é nos despir de todo conhecimento teórico/científico e dar espaço para novas construções e percepções (Ivana).

Santos (2017, p. 101) alerta que “as iniciativas de mediação cultural (como oficinas, cursos e comitês assistentes com participação de visitantes) sozinhas não promovem a diversificação da estrutura social ou o aumento do número de visitantes” e considera fundamental ir além da democratização do acesso em direção a uma democracia cultural.

Nessa lógica, é necessário que as instituições possuam uma equipe que trabalhe em conjunto desde a concepção das exposições, até o desenvolvimento de projetos com a comunidade. Assim, curadores, conservadores (geralmente situados no alto do patamar da hierarquia das instituições) trabalhariam em conjunto com educadores, técnicos e outros mediadores. (Santos, 2017, p. 102).

Esse aspecto é ressaltado nos fóruns de discussão do curso:

A maneira como essa criança irá enxergar e vivenciar vai depender muito de quem preparou esse lugar para ela estar. Digo isso não apenas dos mediadores do museu em si, mas também da escola e da família que muitas vezes a acompanha. A criança quer tocar, quer sentir o lugar, quer explorar, penso: será que estamos preparados para este acesso? será que os museus pensam em receber a criança como público? (Greice).

Especificamente em relação ao público escolar, estudos têm indicado a importância de uma aproximação do/a professor/a com o museu (Gewerc, 2022; Bibian, 2017; Gabre, 2016; Aracri, 2013; Carvalho, 2013; Cruz, 2008). Entretanto, essa relação vem sendo pautada por tensões e incompreensões a respeito dos papéis que cabem a cada um/a (professores/as e educadores/as museais, escola e museu), conforme mencionado anteriormente. Desencontros em relação às expectativas, inadequação da linguagem, baixa participação por parte dos/as professores/as, enfim, um sem-número de dificuldades que geram sensação, muitas vezes, de frustração. Ao longo do

curso, esses aspectos surgiram na voz de participantes que haviam levado seus/suas alunos/as ao museu.

Muitas vezes as visitas eram cansativas, a linguagem e abordagem não eram apropriadas, além disso, não havia espaço para o lúdico. Acredito que os museus são espaços que geralmente despertam naturalmente o interesse das crianças, porém, se mediação não for cuidadosa, a experiência pode se tornar negativa (Gina).

Museus e espaços culturais precisam entender a infância para conseguir atender ao público infantil, não é apenas tentar adaptar as exposições que já existem para integrar as crianças ao mesmo tipo de mediação que os adultos. A criança tem a necessidade de sentir, tocar, se locomover nos espaços, sua curiosidade não permite ficar parada escutando sobre certo assunto durante tempo e mais tempo. Além disso, os mediadores precisam trabalhar juntamente com os professores das crianças que visitarão o museu, [...] o professor como um sujeito do conhecimento também é importante, já que a visita começa e termina dentro das escolas (Mariane).

Em artigo publicado, Pereira e Braga (2013, p. 86) afirmam que ações educativas oferecidas em museus são oportunidades para o professor

ressignificar posições éticas e políticas fazendo uma crítica às estruturas sociais do mundo. Os professores fazem escolhas, ressignificam suas posições em uma relação dialógica com o que é proposto nos museus e com os códigos sociais que marcam o exercício de sua profissão.

A ocupação de espaços em museus pelos/as professores/as na formação inicial foi defendida no seminário “Educação e Museus”, ocorrido em 2018. O GT 01, que discutiu a formação de professores, sugeriu a inclusão do estágio obrigatório em museu durante a formação inicial. Os/As participantes do grupo de trabalho coordenado por Alessandra Bizerra e Martha Marandino compreenderam que a vivência da práxis museal poderia contribuir para que docentes compreendam a estrutura e o funcionamento desse tipo de instituição e suas especificidades.

Outras pesquisadoras, como Gabre (2016), Carvalho (2016) e Gewerc (2022), reforçam a importância da criação de parcerias interinstitucionais e entre os sujeitos que planejam, preparam e operacionalizam as visitas com as crianças ao museu.

A importância de uma interlocução entre os sujeitos que organizam e preparam a visita escolar foi compreendida e abordada nos fóruns, como no exemplo abaixo:

Na medida que eu lia, pensava muito sobre a necessidade de se pensar a formação contínua vinculando os professores como um personagem de suma importância na relação das crianças como o espaço museal durante uma visita escolar. O olhar sobre as experiências destes profissionais com os espaços é muito relevante e quais são as formas e oportunidade que eles possuem para pensar, refletir e experimentar a visita ao museu, inclusive, revendo conceitos e conduções das crianças (Melissa).

O material oferecido pelo curso, em diálogo com as experiências e aprendizados das/os participantes, trouxe subsídios para pensar em pontes com o público infantil, incluindo os adultos que o acompanham.

Acolher o grupo com uma brincadeira de mão, cantada e ritmada, antes de começar a visita e passar por alguns combinados. Modular a voz e propor um deslocamento pelos espaços do museu também com variações rítmicas. O que faz uma visita ser lúdica e interativa? Escuta atenta, poros abertos, tons, atenção, presença para estar junto durante a visita mantendo a curiosidade e interesse das crianças (Marcela).

O estar entre e a metáfora da 3ª margem é uma forma fantástica de compreender a mediação. A oportunidade de criar uma terceira possibilidade, de desconstruir e reconstruir é o que nos faz aprender, enquanto mediador e público. Mas a mediação é um processo que precisamos vivenciar e exercitar. Parece que existe uma necessidade intrínseca de que todos os conceitos que envolvem os objetos de uma exposição, de que todos os temas que são abordados devem ser apresentados e explicados (Suelen).

A criação de um ambiente seguro, acolhedor de realidades, saberes e experiências, através de uma curadoria pedagógica competente e inclusiva, pode ser uma das maiores ferramentas que nós como - de alguma maneira - educadores, temos de transformar cada universo complexo que está contido em cada visitante de uma mediação (Júlia).

Os trechos acima evidenciam uma interlocução profícua e quanto o curso de extensão tem propiciado trocas e aprendizagens a respeito das especificidades que compõem a presença das crianças em instituições que, até recentemente, não as reconheciam como um público adequado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) afirma, em sua primeira diretriz do Eixo II (Profissionais, formação e pesquisa), que é preciso “promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo” (IBRAM, 2018, p. 49).

Em que pese o texto da política, a pesquisa de Mendes Henze (2021) detectou a dificuldade de as instituições oferecerem formação continuada aos/as profissionais que atuam nos setores educativos. “As instituições que afirmaram realizar as reuniões de estudo para uma formação continuada de seus educadores e mediadores não deixam de mencionar as dificuldades encontradas devido às distinções de vínculos, funções e horários dos profissionais” (Henze, 2021, p. 165). A pesquisadora cita, ademais, a precariedade dos vínculos e a alta rotatividade, o que prejudica a participação na concepção e montagem das exposições e na elaboração das atividades educativas.

Professores/as, profissionais da área da cultura, familiares, enfim, todo adulto que recebe ou leva uma criança ao museu pode contribuir para que a experiência seja positiva ou negativa. Pode propiciar uma sensação de acolhimento e pertencimento ou o contrário. Pode ajudar a criança a ler o mundo de maneira crítica e sensível ou limitar suas possibilidades. Nesse sentido, o curso



de extensão em “Mediação do público infantil em museus” tem se configurado como espaço de ampliação de repertório, troca de conhecimentos e fortalecimento de profissionais que se sentem mais munidos de recursos para a recepção desse público em particular, mas não só. Os depoimentos abaixo foram retirados do último fórum e da avaliação anônima que é preenchida de maneira voluntária ao final.

Como atuo na educação básica, percebo com muita clareza a (minha) expectativa de “escolarizar” a visita ao museu e gostei da abordagem dos textos sobre os pontos de tensão nesta relação. Acho que este curso deixou mais nítido a importância de parcerias e modelos que valorizem o compromisso mútuo (Gabriel).

Acredito que a visita aos museus não deve acontecer de forma escolarizante, mas, sim, abordar, trazer à tona os conhecimentos de mundo, da cultura. Por mais que eu já trabalhe com a educação museal e com o público infantil, acredito que este curso me trouxe novos referenciais, me auxiliando a pensar em novas perspectivas de atendimento de qualidade para esse público (Fúlvia).

Acho que é muito isso que o curso trouxe pra gente, como as crianças podem participar e se envolver com as exposições sem ser em fila, de mãozinha pra trás etc (Creuza).

O curso oferece subsídios teóricos e apoia a construção de sentidos sobre a discussão de mediação de público infantil nos museus. Além disso, as nutrições estéticas ampliaram meu olhar e contribuíram para pensar práticas interessantes de mediação cultural para as crianças (anônimo).

As interações com os participantes e os retornos que temos recebido na avaliação apontam para a necessidade de que mais espaços como esse sejam ofertados. É interessante pensar que uma diversidade maior de ofertas como essa pode significar também uma ampliação de perspectivas sobre o tema. E que mais e mais crianças vivam experiências significativas que transformem gradualmente a visão de museu de um lugar de coisas velhas e desinteressantes em um espaço que ative a curiosidade e propicie aprendizagens de maneira envolvente e significativa.

## REFERÊNCIAS

- ARACRI, E. M. R. P. **Professores no Museu da Geodiversidade: o capital cultural nas percepções e expectativas da relação museu x escola**. Rio de Janeiro, 2013. 160p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013.
- BARBOSA, M. C. S. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.
- BIBIAN, S. **Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX**. Niterói –RJ, 2017. 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2017.

BIBIAN, S. **Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede.** 2022. 282 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BONATTO, M. P. de O.; SEIBEL M. I.; MENDES I. A. Ação mediada em museus de ciências: o caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, L.; MATTEO M.; RODAR P. (org.) **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência.** Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. P. 47-55.

CARVALHO, C. **Instantâneos da visita: a escola no Centro Cultural.** Rio de Janeiro. 275 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CARVALHO, C. Criança menorzinha...ninguém merece! políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. C. (orgs.). **Educação infantil: enfoques em diálogo.** São Paulo: Papirus, 2013. p. 295-312.

CARVALHO, C. **Quando a escola vai ao museu.** 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2016. 223 p.

CORSINO, P. Educação infantil: A necessária institucionalização da infância In: KRAMER, S. (org.) **Profissionais da educação infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.

CRUZ, L. L. da. Magistério e cultura: a formação cultural dos professores e sua percepção das potencialidades educativas dos museus de arte. São Paulo. 123p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2008.

DESVALÉES, A. MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 101 p.

DIAS-CHIARUTTINI, A.; COHEN-AZRIA, C. Visites familiales, visites scolaires ou la genèse du visiteur. *YouTube*, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLYvDpVJDXg> Acesso em: 23 set. 2021.

GABRE S. de F. **Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de Formação Colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba.** 2016. 228p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (coord.) **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009.

GEWERC, M. **Formação cultural de professores dos anos iniciais da educação básica: o que os museus da cidade do Rio de Janeiro oferecem?** 2022. 227 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal.** Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

KRAMER, S.; MOTTA, F.M.N. Criança. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

LOPES, T. B. **Outras formas de conhecer o mundo: Educação Infantil em Museus de Arte, Ciência e História.**, 2019. 221p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MARQUES, A. C. T. L.; MARANDINO, M. Alfabetização científica, criança e espaços de educação não formal: diálogos possíveis. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e170831, 2018.

MARTINS, M. C. Mediação. In: **Caderno da PNEM**. Brasília: Ibram, 2018. p.84-88.

MENDES HENZE, I. A.; VALENTE, E. Mediação para o público infantil no MAST. In: Simpósio de Formação e Profissão Docente, 2017, Mariana - MG. **Anais do XI SIMPOED**, Mariana, UFOP, p.70-84, out. 2017.

MENDES HENZE, M. I. **Setor Educativo de Museus de Ciência da Cidade do Rio de Janeiro: Desafios e Perspectivas**. 2021, 219 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=57439@1> Acesso em: 24 mar. 2023

PEREIRA, J. S.; BRAGA, J. L. M. Museu e experiências docentes. **Ensino em re-vista**, Uberlândia, v. 20, n. 01, p. 83 – 93 jan./jun. 2013.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Edição: Centro de Estudos da Criança (UM), 1997.

SANTOS, M. E T. **Bebês no museu de arte: processos, relações e descobertas**. 2017. 186 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2017.

SOARES O. de J. Reflexões sobre a relação museu-escola: na direção de um museu permeável. **Revista Educação Online**, n. 18, jan./mai. 2015, p. 27-44

SOUZA, A. R. de O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho. **Educar em Revista**, n. 48, p. 53-74, abr./jun. 2013.